

A MATRIX EPISTEMOLÓGICA: SOBRE O MÉTODO, SUJEITO E OBJETO DA PESQUISA

THE EPISTEMOLOGICAL MATRIX: ON THE METHOD, SUBJECT AND OBJECT OF THE RESEARCH.

Jean Paulo Pereira de Menezes¹

“A ciência não alcança sua meta no estudo acadêmico fechado, mas na sociedade de carne e osso” (TROTSKY, 1988, p. 11).

RESUMO

Os críticos da epistemologia não ignoram a mesma, seria um impropério. Todavia, os epistemólogos ignoram a perspectiva ontológica, seja por necessidade de manter sua hegemonia na academia ou mesmo por ignorância intelectual. Em outras palavras, a perspectiva ontológica considera necessariamente as gnoseologias e as epistemologias, esse procedimento não é opcional. Radicalmente diferente, o epistemólogo dita, impõem, alicia e sequestra em nome da sua perspectiva, sente-se como um deus da pesquisa científica, quando na verdade não passa de um *homo academicus*.

PALAVRAS-CHAVES: crítica; método; sujeito-objeto; crise.

ABSTRACT

The critics of epistemology do not ignore it, it would be inappropriate. However, epistemologists ignore the ontological perspective, either because of the need to maintain their hegemony in academia or even for intellectual ignorance. In other words, the ontological perspective necessarily considers gnosis and epistemologies, this procedure is not optional. Radically different, the epistemologist dictates, imposes, seduces, and kidnaps in the name of his perspective, seems like a god of scientific research, when in fact he is nothing more than a *homo academicus*.

KEYWORDS: method; criticism; subject-object; crisis.

INTRODUÇÃO

Escrevo estes breves apontamentos motivado pelos meus alunos e alunas do mestrado. Inicialmente, expressaremos apenas parte das preocupações de um professor (são muitas), diante de algumas preocupações discentes que jamais poderiam, por nós, serem ignoradas. É preciso considerar que existe uma *matrix* curricular, uma *matrix* epistemológica, onde a maioria absoluta de jovens, durante todo o percurso do ensino básico, não tem absolutamente nenhum acesso ao debate acerca da pesquisa, seja ela na perspectiva

¹ Professor no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – UEMS/PBA. fafica_95@yahoo.com.br

epistemológica, quanto menos na perspectiva ontológica, pois há nisso tudo um caráter de classe. Todavia, há uma minoria que possui este acesso, propositalmente uma minoria que no final do ensino médio, pode ser iniciada cientificamente. Consideramos que a iniciação científica, nestes termos é a realidade de uma minoria de jovens, ainda assim, trata-se de uma iniciação absolutamente epistemológica. A outra parcela de jovens apenas acessa a *matrix* epistemológica ao ingressarem na universidade, momento o qual são obrigados a trabalharem em uma chave que nunca lhes fora ensinada. Os traumas diante desta realidade não são poucos, da graduação à pós-graduação. Sobre a angústia causada neste momento de decadência da produção do conhecimento, tomemos apenas uma universidade pública (a UFMG) como ponto de reflexão:



Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas_educacao,895535/pessoas-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml

Neste texto, não desdobraremos o debate sobre a *matrix* curricular ou ainda sobre o adoecimento, mas alguns breves apontamentos pertinentes diante da realidade decadente do nosso tempo presente sobre a *matrix* epistemológica.

Sempre sou convidado para ler projetos de pesquisa. Já perdi as contas de quantos pareceres, comentários e orientações dei sobre este tipo de trabalho acadêmico. É recorrente o calafrio (em alunos e também professores) que se pode ter quando se fala de método de pesquisa, a relação entre sujeito e objeto, etc. É preciso considerar uma tese: vivemos na *matrix* da epistemologia empobrecida.

O QUE É A *MATRIX* DA EPISTEMOLOGIA?

A palavra *matrix* vem do latim, em tradução livre para o Português, poderíamos usar: matriz, útero, espaço de reprodução, etc. Já a palavra epistemologia, vem do grego *episteme*, e, livremente, poderíamos dizer que significa conhecimento. As palavras não são inocentes e nem estáticas, conceitualmente elas estão em histórico movimento. Assim, por

exemplo, o conceito de epistemologia não é mais como foi exatamente no mundo grego². Aqui, ao reivindicarmos o uso destas duas palavras greco-romana, estamos apenas preocupados em apontarmos para alguns dos desdobramentos possíveis de uma forma de produzir e reproduzir conhecimento, por isso: *matrix* epistemológica. Todavia, acrescentamos a adjetivação: empobrecida. O que desejamos dizer?

A epistemologia da modernidade do século XVI é extremamente rica e importante, pois representa um salto na tentativa de entender o mundo e as coisas. Seja na tradição racionalista cartesiana, na empiria de John Locke e David Hume, no método hipotético dedutivo de Immanuel Kant, entre outras contribuições. O que problematizamos aqui são os desdobramentos desta tradição epistêmica em nosso tempo presente, onde é possível identificar a redução formal do método desta tradição a um corolário a ser seguido pelos pesquisadores de hoje, extremamente empobrecido. De Francis Bacon à Kant, se ignora o caldo cultural em que todos estes pensadores estavam imersos, ou seja, ignora-se o acesso ao conhecimento historicamente acumulado que tiveram estes intelectuais, como se estes nos tivesse legado apenas algumas folhinhas e esquemas gráficos de “*power point*” sobre o método de investigação. Estes autores, dedicaram-se durante toda a vida para desenvolverem seus estudos e chegarem em determinados resultados. Uma trajetória da história do pensamento ocidental que em nosso tempo presente, é capaz de reduzir as contribuições desses autores a um formalismo sem precedentes na história, ou seja, a um conjunto de regras e procedimentos que caberiam em uma folha A4. Ridículo.

Todavia, o mais ridículo, é a naturalização desta vulgarização das contribuições epistemológicas. “Não leio nada, não conheço nada de Kant”, mas escrevo sem nenhum pudor que “meu método é o hipotético-dedutivo”. “Ignoro absolutamente o que é epistemologia”, mas digo sem nenhum problema, que “estou desenvolvendo uma pesquisa científica acadêmica”. Poderíamos incluir aqui um conjunto de afirmações, meras opiniões (*doxa*), que buscam estabelecer-se como verdades absolutas, de um conhecimento verdadeiro, sem nenhum fundamento na realidade. A matrix epistemológica vulgarizada não tem limites!

Nos últimos tempos, temos sido expostos com maior frequência a autoridades que pregam a negação do aquecimento global, a relativização e negação da origem da escravidão no Brasil, a exaltação da ditadura militar e do período conhecido como anos de chumbo, que, segundo essas correntes foi um “movimento” ou uma “revolução”, dentre outros absurdos que se tornam cada vez mais presentes nas discussões e nos pronunciamentos (MELO & SILVA, 2019).

² *Episteme* no grego antigo se opunha a *doxa*, opinião. *Episteme* na República de Platão significa conhecimento verdadeiro.

Vivemos em uma sociedade decadente e neste compasso, observa-se a mais absoluta vulgarização do conhecimento. Nem mesmo a tradição epistemológica é capaz de ser apreendida (imagine então a tradição ontológica?). Muitos estudantes universitários poderiam ser identificados como intelectuais “*made in CAPES*”³ (MENEZES, 2019). Esse tipo de formação “*made in CAPES*” é aquela onde o estudante se liga a mais absoluta formalidade da lógica reprodutivista na qual os docentes estão escravizados. O que importa é publicar, publicar, publicar um monte. Se o que publico é lido ou não, se a minha produção tem alcance social ou não, se as pessoas de carne e osso são tratadas ou não... Pouco importa, o que realmente importa é ter um Lattes (currículo) reforçado, com a barrinha de rolagem bem pequenina. Vale tudo para o sujeito “*made in CAPES*”. Uma pergunta típica deste tipo de sujeito é: tem certificado? Uma decadência para o próprio campo da epistemologia. Esta é parte da *matrix* epistemológica do nosso tempo presente. Negá-la é um absurdo.

Em 2013, em edital do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), o projeto “Crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais” foi rejeitado pela CAPES, através de parecer que não reconhecia do “Mérito Técnico-científico, entre outros critérios da proposta, pois esta não se enquadrava, de acordo com o parecer a *matrix* epistemológica. Vejamos nos próprios termos da CAPES, que consta no recurso ao parecer do CAPES/PROCAD, publicizado em 2014:

Parecer: “Projeto afirma basear-se no método marxista histórico-dialética. Julgo q a utilização deste método não garante os requisitos necessários para que se alcance os objetivos do método científico” (os erros de digitação e concordância são do texto do parecer).

Parecer: “Considerando a metodologia a ser empregada – cujos requisitos científicos não tem unanimidade – a proposta pode ser considerada pouco relevante”.

Parecer: “Sim, entretanto, a formação proposta estaria no âmbito do método marxista histórico-dialético, cuja contribuição `a ciência brasileira parece duvidosa” (erro de digitação está no texto do parecer).

Parecer: “O consenso sobre a importância científica do projeto não é consensual” (CORREIO DA CIDADANIA, 2014).

A epistemologia empobrecida é aquela que considera de forma unilateral a produção do conhecimento, ignorando outras formas de organização e sistematização do processo de produção e reprodução do conhecimento historicamente acumulado. Essa epistemologia empobrecida é típica das sociedades capitalistas decadentes, pois impõe aos seres (estudantes, pesquisadores, professores, operários, faxineiros, jornalistas, etc.) uma *matrix* que violentamente deve ser seguida por todos sob pena de marginalização, reprovação e exclusão.

³ CAPES é uma fundação, ligada ao Ministério da Educação. A sigla significa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Qualquer outra perspectiva de produção do conhecimento deve ser imediatamente identificada, neutralizada e eliminada. No reino da epistemologia barata, trava-se uma guerra. Temos o nosso lado na batalha das ideias e a *matrix* da epistemologia empobrecida não nos agrada. Mas como a realidade pouco depende do que achamos ou desejamos, passemos a questão central destes breves apontamentos: O método da pesquisa, o sujeito e o objeto.

O QUE É MÉTODO⁴?

Propedeuticamente, podemos dizer que essa palavra, que também vem do grego, significa caminho que se faz (os doutores sabichões tenham paciências, estou preocupado com os leitores que estão iniciando este debate). Mas que caminho? Trata-se do caminho que devo seguir para conseguir entender um objeto e produzir um conhecimento sobre ele? Ou do caminho que fiz ao proceder na análise de algum objeto? Aqui vamos colocar apenas duas vias, mas devemos considerar que este debate já está de pé há mais de 2500 anos.

Considerando a primeira assertiva, método seria então um caminho a ser percorrido pelo sujeito que investiga algo. Para isso, segue-se um conjunto de regras e procedimentos que devem ser aplicados na busca do conhecimento. Uma espécie de *script*⁵ de como proceder na pesquisa (não estou falando de normas da ABNT⁶, isso é outra coisa).

Neste caso, o conjunto de regras e procedimentos são passados para o investigador, seja por manuais, livros, aulas, etc. Diante do recebimento do que fazer e como fazer, se iniciaria a pesquisa, se sistematizaria os dados e no findar da aplicação dos procedimentos e regras, teríamos uma produção do conhecimento científico. Embora muito simplificada, em linhas gerais, é o que se espera.

Na segunda assertiva, o caminho é entendido de outra maneira. Falar de método, do caminho percorrido, só seria possível após a realização dele, ou ainda, ao desenvolver o caminho da investigação. Assim mesmo, só estaríamos autorizados a falar apenas do caminho realizado até certo momento da pesquisa. Nesta perspectiva, o caminho não está previamente dado através de regras e procedimentos, pois estes apenas poderiam ser apresentados ao passo que a investigação os cria, na medida em que a pesquisa sobre um objeto ou fenômeno for acontecendo, de acordo com a centralidade do objeto, ainda que o sujeito que investiga tenha participação ativa durante o processo de pesquisa.

⁴ Método, na definição etimológica de Antônio Houaiss: gr. *métodos*, ou 'pesquisa, busca, p.ext. estudo metódico de um tema', de *metá* 'atrás, em seguida, através' e *hodós* 'caminho'. Para uma definição aprofundada, ver as sugestões de leituras ao final, nas referências.

⁵ Do inglês *manuscript*, abreviado: *script*. Em português: manuscrito, escrito a mão ou ainda, roteiro.

⁶ Quando estávamos terminando este texto, a Biblioteca Central da PUCRS divulgava a última sensação do momento nas redes sociais sobre normas de citação: "Como fazer referência de mensagem de Whatsapp". Jamais confundir isso com método de pesquisa.

Colocado desta maneira, precisamos abordar agora um ponto extremamente importante: a relação entre sujeito e objeto?

O SUJEITO E O OBJETO

De René Descartes, David Hume, Immanuel Kant à sociologia de Émile Durkheim, há uma tradição que define sujeito como algo externo ao objeto e por sua vez, objeto como algo externo ao sujeito. Sob esta perspectiva, é o sujeito que diz o que é o objeto. Poderíamos dizer que a centralidade está no sujeito que conhece, pois é ele que diz o que é o objeto ou fenômeno estudado. O sujeito investigador é que determina o que é ou não é.

Sob outra perspectiva, a centralidade está no objeto e não no sujeito. Isso quer dizer que o conhecimento é determinado a partir do objeto, mesmo que o sujeito tenha papel fundamental. Todavia, são as determinações do objeto é que são capazes de demonstrar o que ele é ou não. Neste caso cabe ao sujeito a ação de descobrir as múltiplas determinações da realidade, partido dela mesma, não do que ele acha ou pensa o que ela é.

Para ilustrar estas duas vias (perspectivas) de entender o método, pensemos em uma determinada situação em que o investigador se depara com a seguinte questão: o que é uma mercadoria (cadeira, sofá, pacote de arroz, copo, telefone, o corpo, etc)?

Do Sujeito

Na primeira perspectiva de método, o sujeito (investigador) é que determinará a resposta e para isso tem em suas mãos um conjunto de regras e procedimentos já estabelecidos que lhe fora transmitido para chegar a uma resposta. Neste caso, poderia partir de uma definição já apresentada por outros pesquisadores que se tornariam seus referenciais de pesquisa. A mercadoria poderia ser entendida como um bem útil ao seu portador. A mercadoria seria uma coisa com utilidade para quem a possuísse, podendo até mesmo existir uma verdadeira coleção de mercadorias.

Ainda nesta perspectiva de caminho de entendimento do objeto, o pesquisador partiria de sistematizações já desenvolvidas sobre o objeto (mercadoria) para construir a sua sistematização do conhecimento. Para isso, consideraria as produções intelectuais já existentes sobre o seu objeto, aplicaria formulários já desenvolvidos para sistematizar a resposta sobre o que é e o que não é o objeto. Partiria de definições e conceitos pré-estabelecidos para dizer o que é ou não é a mercadoria. Assim, ao final, o sujeito teria dado a sua leitura, mesmo que a partir de outros referenciais, sobre o que ele entende o que é o objeto. Em outras palavras, o sujeito daria a sua resposta sobre o que ele entende ser o objeto, considerando o caminho que

fez previamente para atingir uma resposta sobre a realidade investigada. Neste caso, é o sujeito que determina o que é a coisa, o objeto. É nele que se encontra a resposta (o que é a mercadoria?) sobre o objeto. Poderíamos afirmar: a centralidade está no sujeito e não no objeto.

Do objeto

Agora vejamos como se dá o conhecimento sob a outra perspectiva de método, onde a centralidade está no objeto e não no sujeito. Para isso, repetimos a pergunta: O que é uma mercadoria?

As propriedades da mercadoria cadeira estão nela mesma. O pesquisador tem papel crucial na sistematização, mas o faz a partir das determinações do objeto. É o sujeito que descobre os elementos constitutivos da coisa, do objeto (as categorias do objeto). As categorias do objeto existem para além da subjetividade do pesquisador, elas são imanescentes ao objeto, em outras palavras, as categorias já existem, independente da existência do sujeito que investiga.

O investigador busca descobrir um universo categorial sobre o objeto considerando a totalidade de múltiplas determinações que não se expressam na imediatez do objeto. Ao olharmos para a mercadoria cadeira, este objeto não nos diz se quem o fez foi um trabalhador indiano, paraguaio ou brasileiro. É através da investigação das determinações do objeto que se pode dizer o que ele é, como se constituiu. Estamos falando de explorar a constituição da coisa a partir das determinações dela e não a partir das minhas sensações do que ela é. A centralidade está no objeto.

Nesta perspectiva, não há receitas ou prontuários a serem seguidos, pois é a partir da investigação do objeto, das descobertas das categorias que constituem o objeto, que o investigador passa a ter um trajeto, um caminho, um método. Seria coerente falar de método, nesta perspectiva?

Sim, mas apenas na medida do desenvolvimento da investigação. Só seria possível falar do método da pesquisa a partir do momento que o investigador desse os primeiros passos rumo a totalidade que se constituiu o objeto estudado, ou ainda, após a “finalização” do percurso. A isso, Karl Marx chamou de método de exposição. Vejamos como o próprio Marx colocava a questão aos seus leitores no posfácio à segunda edição de O Capital:

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção a priori.

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1996, p. 140).

Citamos Marx aqui porque estamos convencidos de que esta perspectiva de entender e explicar o objeto é fundada por ele e influencia até os dias de hoje todas as áreas do conhecimento: concordemos ou não com estes pressupostos. Para o organizador do Exército Vermelho⁷, “O método de Marx é materialista, pois vai da existência à consciência e não na ordem inversa. O método de Marx é dialético, pois observa como evoluem a natureza e a sociedade e considera esta como a luta constante de forças em conflito” (TROTSKY, 1988, p. 10).

Estas duas perspectivas, aqui apenas esboçadas para um início de debate, são fundamentalmente antagônicas. Mas afinal, qual é a perspectiva certa, quem está correto?

A realidade existe? Ou aquilo que observamos, escutamos, tocamos, são apenas sensações, manifestações dos meus sentidos? Existiria uma universidade, um trovão, um grito, se não fosse a centralidade dos meus sentidos? Esta perspectiva afirma que a única realidade é aquela que o sujeito capta, os objetos seriam representações sobre a realidade, sendo a realidade mesma apenas uma representação. Aqui, ao menos em nossa época, esta perspectiva nos conduz ao irracionalismo, típico da *matrix* epistemológica empobrecida.

Diante de tudo isso, como proceder diante da minha pesquisa de graduação, mestrado ou doutorado? Respondemos: sem receitas, pois é necessário entender, primeiro, o tecido social que pisamos; e segundo, ter conhecimento das perspectivas que postulo ou não postulo na sociedade de classes.

DA PESQUISA

É preciso considerar a forma que chegamos a um espaço acadêmico de pesquisa⁸. Muitos chegam a pós-graduação, mas chegam a partir de uma noção muito superficial do que é uma pesquisa na chave epistemológica, como é cobrada hegemonicamente pelos 4.175⁹ programas de pós-graduação espalhados pelo país. De acordo com a CAPES, em 2018 são 114.867 alunos de pós-graduação, sendo 19.740 na grande área de ciências humanas¹⁰.

⁷ Exército de trabalhadores russos, quando do desenvolvimento da Rússia após 1917.

⁸ Nos referimos aos programas de pós-graduação, lato sensu e stricto sensu.

⁹ Dados da CAPES, disponíveis in: < <https://www.capes.gov.br/36-noticias/8558-avaliacao-da-capes-aponta-crescimento-da-pos-graduacao-brasileira>>. Acesso em 04 de NOV. de 2019.

¹⁰ Dados publicados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Disponível in: < https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/detalhe/Recursos_Humanos/RH_3.5.2.html> Acesso em 04 de NOV. de 2019.

Considerando a *matrix* curricular durante o ensino básico, é razoável afirmar que a maioria destes alunos jamais estudaram sobre o método e a produção do conhecimento. Há exceções, mas aqui nos referimos a regra geral, ao todo e não apenas a parte da realidade. Milhares destes estudantes que ingressam em um programa de pós-graduação serão obrigados a desenvolverem uma pesquisa com normas pré-estabelecidas, em um princípio metodológico que também lhes é estranho. Muitos conseguirão, outros muitos adoecerão inevitavelmente. E, no final das contas, muitos destes adoecidos serão culpabilizados e classificados como incompetentes. Sem nenhum pudor, serão chamados de fracassados.

Também seria prudente considerar, em relação aos considerados “não fracassados”, que jamais entenderemos com profundidade um determinado objeto com dia e hora marcados, seja no programa de pós-graduação “a”, “b” ou “c”. Seria patético e infantil, acreditarmos que em um programa, fundado em regras e normas, prazos e punições, poderíamos desenvolver uma investigação profunda. Na melhor das hipóteses, poderemos iniciar um trabalho de longa duração. Todavia, se o pesquisador trilhar o caminho da centralidade do sujeito, levando até as últimas consequências esta perspectiva, se sentirá um deus, assim, tudo ele pode e poderá, sabe e saberá. E, neste caso, nem mesmo este artigo existe, pois o sujeito deus o ignora. Eu não existo, você, leitor, não existe, nos nunca estivemos aqui. Afinal, quando o sujeito tem a centralidade sobre as coisas, as coisas podem se tornar aquilo que o sujeito entender sobre ela. O sujeito se torna um deus do reino da subjetividade epistemológica. Ele determina e manda que as coisas e objetos curvem-se diante da sua vontade e ao fazer isso está convencido de que a sua vontade será a realidade.

Diferente da centralidade do sujeito, a realidade não se curva para nossas subjetividades, vejamos como se refere a isso León Trotsky ao referir-se ao método de Marx:

É completamente impossível buscar as causas dos fenômenos da sociedade capitalista na consciência subjetiva – nas intenções ou nos planos- de seus membros. Os fenômenos objetivos do capitalismo foram formulados antes que a ciência começasse seriamente a pensar sobre eles. Até hoje em dia, a maioria preponderante dos homens nada sabe acerca das leis que regem a economia capitalista. Toda a força do método de Marx reside em sua aproximação aos fenômenos econômicos, não do ponto de vista subjetivo de certas pessoas, mas do ponto de vista objetivo do desenvolvimento da sociedade em seu conjunto, do mesmo modo que um homem da ciência que estuda a natureza se acerca a uma colmeia ou um formigueiro (TROTSKY, 1988, p. 10).

A perspectiva marxiana¹¹ (ontológica) parte da realidade objetiva e não da subjetivação do sujeito sobre o mundo. Considera-se a subjetividade humana, mas não é ela que

¹¹ Aqui tratamos de breves apontamentos pertinentes. Para uma leitura aprofundada sobre esta perspectiva, sugerimos a leitura da tese de doutorado “*O conceito de história e tempo presente em Marx, através da crítica da economia política*”, disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/O-conceito-de-Hist%C3%B3ria-em-Marx-Jean-Menezes-FFC-Unesp-Mar%C3%ADlia.pdf>. Acesso em 04 de NOV. de 2019.

determina as coisas, inclusive a própria subjetividade humana. Há centralidade no objeto, não como apenas uma coisa isolada, como uma cadeira ou qualquer outra mercadoria, mas no desenvolvimento da sociedade, exterior aos desejos individualizados.

Mas já sabemos que a realidade é constituída por uma série de determinações, independentes da nossa vontade, do nosso querer, externa a nós. No reino da subjetividade, onde isso é ignorado, o sujeito¹² fica com cara de tacho diante dos fenômenos que não se curvaram para ele (a subjetividade dele), na realidade: ignoram a existência dele! Certamente este é o caminho menos difícil: a negação da realidade.

Investigar uma realidade social é algo complexo e que exige muita dedicação e disciplina do investigador. Não se faz pesquisa (nem mesmo epistemológica) substantiva com apenas uma receita previamente estabelecida por um conjunto de doutores, assim como um saco vazio, normalmente, não fica de pé.

CONCLUSÃO

Existe uma bibliografia¹³ extensa sobre os apontamentos que realizamos neste texto e que permanentemente busca atravessa o bloqueio da *matrix* epistemológica empobrecida. Aqui tratamos apenas de fazer apontamentos breves com o objetivo de suscitar reflexões que achamos serem bastante pertinentes/necessárias. Não há apenas uma forma de pensar a produção do conhecimento. Considerar este fato é uma necessidade para aqueles que desejam realmente produzir alguma coisa. É preciso abandonar o estado de ignorância intelectual, mesmo para os que trabalharão em uma perspectiva epistemológica. Em relação aos “marxistas” que se encontram neste campo (da epistemologia empobrecida) o debate é mais catastrófico e vale a escrita de outro texto.

Aqui, esperamos ter cumprido o objetivo de apresentar algumas reflexões críticas sobre a epistemologia empobrecida. No que tange a nossa escrita, também procuramos nos desviar da estética epistêmica esperada na academia, mas como dissertamos, não se deve ignorar a episteme, tampouco ser escravo desta perspectiva.

Escrever quebrando grilhões é também uma forma coerente de se libertar desta *matrix* epistêmica que impõe uma estética textual igualmente pobre, formalista e que atende a lógica da fábrica¹⁴. Um tipo de escrita que é vetado ao estudante iniciante de graduação e

¹² Não confundir aqui com a culpabilização do indivíduo. Nossas problematizações sobre o sujeito que investiga não estão descoladas da posição de classes ao qual pertence. É preciso considerar o sujeito como ser social, não individualmente isolado.

¹³ Nas referências deste pequeno artigo, incluírei alguns livros que poderão colaborar sobre o debate acerca da epistemologia, gnoseologia e ontologia.

¹⁴ Sobre a “lógica da fábrica”, sugerimos a leitura do artigo originalmente publicado para Revista Caros Amigos, “A fábrica para além da fábrica” (2016), indicado nas referências deste artigo.

mesmo de mestrado e doutorado. Existe na universidade uma fala “popular” (com variações) típica dos senhores de escravos, que orienta: “*só depois de receber a carta de alforria (se referindo ao título de doutor) é que você pode escrever qualquer coisa que desejar e do jeito que desejar, até lá, tem que seguir as regras, obedecer*”.

É proibido escrever com uma estética semelhante a que apresentamos aqui, pois ela seria “muito subjetiva, muito literária, muito solta”, partindo do pressuposto que o texto científico deveria ser objetivo e neutro. Mas a centralidade não estava no sujeito??? A nossa estética textual não é apenas a expressão, a forma que o sujeito deseja, mas o mais radical desdobramento da realidade social no qual o sujeito vive: a realidade material.

Observamos a existência de um grande cativo na universidade. Ele precisa ser atacado sem diplomacias, abertamente. Isso não significa atacar a universidade pública, mas os parasitas que dela se nutrem. Significa pensar e agir na universidade de carne e osso, ou seja, uma universidade para além da sociedade de classes decadente na qual sobrevivemos. Neste caso, a perspectiva marxiana se mostra mais viva do que nunca. É preciso viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASIN, José. **Método dialético**. Maceió, s/d, (mimeo). Disponível em: <<http://orientacaomarxista.blogspot.com/2010/10/metodo-dialetico-jose-chasin.html>>. Acesso em: 29 de Out, de 2019.

CORREIO DA CIDADANIA. **Recurso ao parecer de análise de mérito emitido pela capes/procad ao projeto “crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e as políticas sociais”**. Impetrado pelo Instituto de Ciências Humanas (IH), o Departamento de Serviço Social (SER) e o Programa de Pós-graduação em Política Social (PPGPS), vinculados à Universidade de Brasília (UnB). Disponível in: <<http://www.correiodacidade.com.br/33-artigos/noticias-em-destaque/9661-03-06-2014-recurso-ao-parecer-do-capesprocad>>, Acesso em 04 de NOV> de 2019.

ESTADO DE MINAS. Educação. **Pressões potencializam casos de transtorno mental de alunos e professores da UFMG**. Publicizado em 28/08/2017. Disponível in: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2017/08/28/internas_educacao,895535/pressoes-aumentam-casos-de-transtorno-mental-na-ufmg.shtml>. Acesso em 04 de NOV> de 2019.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1977.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **Posfácio à segunda edição de O capital, 1873**. In: **O Capital: crítica da economia política**. Volume 1: O processo de produção do capital. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

MELO, Marcos Luiz Alves de & SILVA, Jonata Wiliam Sousa da. **A negação histórica como política e a luta pela preservação da memória**. Revista Justificando. Disponível In:<<http://www.justificando.com/2019/04/04/a-negacao-historica-como-politica-e-a-luta-pela-preservacao-da-memoria/>>. Acesso em: 04 de Nov. de 2019.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **A fábrica para além da fábrica**. de 12 de FEV. de 2016, disponível in:<https://www.academia.edu/22473642/A_f%C3%A1brica_para_al%C3%A9m_da_fr%C3%A1brica>. Acesso em 04 de NOV. de 2019.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Ensaio sobre teoria da história em Marx**. Goiânia - GO: Editora Phillos, 2019.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **Introdução à pesquisa: contribuições para o projeto de pesquisa e monografia de graduação e pós-graduação na sociedade de classes**. 4ª Ed.– Goiânia: Editora Phillos, 2019.

TONET, Ivo. **Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TROTSKY, León. **O marxismo do nosso tempo**. Tradução de João B. de Holanda Neto. Coleção Teoria Revolucionária Nº 1; São Paulo: Outubro Livraria e Editora, 1988.

Recebido em: 16/11/2019

Aprovado em: 05/12/2019